O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — N.º 1805

Sábado, 9 de Outubro de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

DA MONARQUIA Á REPÚBLICA...

O 5 DE OUTUBRO DE 1910 FOI UMA REVOLUÇÃO DE HEROIS PATRIOTAS

Decorridos 33 anos — tantos como os da vida de Cristo!—é tempo dos portugueses meditarem bem na lição dos factos, nêste dia de evocação do movimento patriótico de 5 de Outubro de 1910. Esta meditação, que, para alguns, deve ser *acto de contrição*, servirá para evitar êrros futuros e para difundir ideias novas, que purifiquem os espíritos, acordem as consciências e beneficiem, acima de tudo, os interêsses nacionais.

Para o prestígio da República, devemos ter sempre presente, na memória, o exemplo do passado da monarquia. Esta viveu num meio de analfabetismo e de miséria social, sem cuidar das classes populares e, por isso, afogou-se num mar de podridão, asfixiada pelos êrros e pelas ambições dos seus governantes.

Regime de previlégios de classes, ela passou os seus últimos anos de vida alheia ao Progresso e à Civilização da sua época e arrastando-se numa confusão tremenda!

O Povo, consciente e cioso dos seus direitos, estava cansado de a suportar, perante um sudário enorme de escândalos e de vergonhas, que a carcassa de manto e corôa estendia impunemente no campo social da sua orgânica.

Com os cofres do Estado às ordens, os seus estadistas deliciavam-se numa vida de bacanal ou irritavam-se no meio da intriga, sem se preocuparem, ao menos, com a defesa do seu regimen! Ignorentes em sociologia, invejosos, conhecendo apenas interêsses pessoais, os chefes da política monarquica degladiavam-se sem respeito algum pela Justiça nem pelo trono!

No tablado político oposto, os tribunos eloqüentes da propaganda republicana, conhecendo bem a psicologia das multidões, arrastavam atrás de si a gente de Lisboa com a prodigiosa eloqüência do seu verbo, inflamado de revolta contra o caos reinante na sociedade portuguesa. E foi nêste ambiente de incertezas e de abusos criminosos que surgiu a Revolução de 5 de Outubro com a proclamação da República, que a nação recebeu *de braços abertos!*

Na escalada heróica dêsse dia, cuja comemoração se fez esta semana, ergueu-se, firme, a figura grande do Ideal, que orientava a vontade forte dos combatentes e os levou até à Vitória. Assente em bases absurdas do direito divino, amparadas apenas pela tradição contra os interêsses nacionais, a monarquia ruiu para não se erguer mais. E assim triunfou a Revolução naquela manhã de 5 de Outubro de 1910, nas ruas da capital. Mas, sendo efémero êsse movimento glorioso, não passou dessas ruas para os espíritos. Deixou, portanto, sem resolução grande número de problemas de alta transcendência social, de que dependia a libertação da vida nacional do jugo duma política viciada e dos previlégios das classes duma minoria de ambiciosos.

Durante os seus três primeiros anos, a República iniciou uma obra verdadeiramente democrática. O Govêrno Provisório assentou-lhe os alicerces e deu-lhe, com sinceridade, a primeira argamassa... Mas, como não se fez a revolução nos espíritos, purificando consciências; como não se tratou, a sério, da educação da mocidade e se julgou ingénuamente que, estando deposto um rei e eleito um presidente, estava feita a República, a chamada questão social ficou por resolver, no caminho do Progresso, da Nova Civilização e da Humanidade; e o Povo seguiu ídolos em vez de seguir doutrinas, deixando baquear todos os partidos republicanos. E, por aquêle facto, a estrutura moral da orgânica da política económica e social portuguesa, com a Revolução de Outubro de 1910, pouco se modificou! O mal, que não vinha sòmente da monarquia dos adiantamentos, mas também das ambições dos homens, continuou a germinar e a danificar e, não se sabendo até onde vai, espreita oculta nos espectros dos antigos partidos, que a boa vontade e o esfôrço de meia dúzia de homens honestos e inteligentes não conseguiram salvar, tal era a corrupção das suas fileiras...

Derrubando o trono dos Braganças, os idealistas revolucionários de Outubro de 1910, agiram, sem dúvida, animados pela sublime intenção de bem servir a Pátria. Esses herois, se hoje vivessem, estavam novamente vigilantes, oferecendo o seu sangue em defesa de Portugal, nêstes momentos difíceis, que as pequenas e grandes nações da Europa está vivendo. Patriotas de rija tempera, daquêles, que *esta ditosa Pátria sua amada* tanto precisa, dar-lhe-iam, mais uma vez, nas horas dêste perigo, tôda a sua dedicação e todo o seu esfôrço, combatendo sob a gloriosa bandeira verde-rubra e gritando para os republicanos, que tenham errado:—Para a frente! O passado não volta!

Evocando aqui a memória dêsse punhado de herois — os que baquearam nessa ou noutra luta da vida e saudando os poucos, que ainda vivam, cumprimos um dever de gratidão e de patriota, no dia em que a Pátria se curva, agradecida, perante o seu grande feito de erguer, para sempre, a República no seu altar sagrado.

MANUEL LAVRADOR

Selos comemorativos

A Administração dos C. T. T. vai pôr em circulação selos de 10 e 50 centavos, comemorativos do I Congresso Nacional das Ciências Agrárias, nos quais aparece um trabalhador, de enxada ao ombro, sendo o desenho da autoria do artista Duarte de Almeida.

Muitas folhas têm agora de ter os albuns dos filatelistas.

Arranha-céus

—o—

O mais alto prédio urbano da cidade do Pôrto, o primeiro arranha-céus, que se ergue no Largo D. João I, entre as ruas Sá da Bandeira e Bonjardim, acha-se em via de conclusão.

E' um edifício de aspecto imponente e majestoso, que tôda a gente admira, tornando-se notado pela sua invulgar estrutura no meio dos mais pequenos.

O progresso a manifestar-se de vento em poupa.

O vôo das aves

Por o marnoto Carlos Roque foi abatida, a tiro, quando passava sôbre a sua marinha, uma garça com anilha de aluminio e a seguinte inscrição:

Vogelwarte Helzoland.
Germania—Urgent retour.
229.496

O abastecimento de águas

Pelo Fundo do Desemprêgo acaba de ser concedido à Câmara do nosso concelho uma comparticipação de 2.500 contos para a execução do trabalho de abastecimento de águas à cidade, cuja obra se acha orçada em 6.475 contos.

A dotação foi assim distribuida: Captação, 250.000$00; conduta adutora, 2.700 contos; rede de distribuïção, 2.350 contos; reservatório, 800 contos; máquinas elevatórias, 200 contos e expropriações, 175 contos.

A Câmara contrairá, para êsse efeito, um empréstimo de 3.950, que o Conselho Municipal já discutiu.

O TEMPO

Variou esta semana, mas parece ter voltado à primeira forma.

Ainda bem.

Crónica alfacinha

Em cada dia 7 de Outubro que passa e vejo pelas portas das escolas as crianças risonhas, como pombitas brancas, indagando, procurando, observando numa ansiedade, as opiniões das outras, sinto em mim uma saüdade infinda dos meus tempos de menina.

Eu, é bem verdade, nunca fui para a escola.

Nasci num quarto contiguo à sala das aulas e depois nela fui vivendo e aprendendo, até que o exame de instrução primária, aos 10 anos, me fez trocar os carinhos da mamã e atenções dos companheiros pelo liceu. Contudo, lembro-me bem: como eu gostava daquela azafama das matriculas, como escutava, atenciosa, os pedidos dos pais e espreitava a cara dos colegas que entravam de novo!

Mais tarde, fazia o mesmo dos outros. Lá estava no dia 7 de Outubro de capa e batina; gostava de me ver fardada, junto ao portão do liceu, alegre, contando o que havia feito no ano anterior e profetizando o novo ano lectivo. Bem sei que tinha de contar com as *cólicas* de quando em vez, a preocupação das notas nos fins dos períodos e... os indesejáveis exames. Mas, isso nem sempre existia.

Ao chegar ao 3.º ano já gostava de pregar partidas aos *caloiros* e eram uma vaidade o orfeon e um encanto as excursões.

Que saüdades do Sá de Miranda, de Braga; do Gil Vicente, de Viana; do Bocage, de Setubal; e por fim, do Maria Amália, cá de Lisboa!

Se bem que satisfeita por me ver livre dos *cábulas*, dos enfadonhos exercícios e dos professores *feras*, lembro-me que chorei, com outras colegas, ao deixarmos, para sempre, as velhas paredes do Carmo e que com saüdade falamos delas no ano seguinte, então já na Faculdade.

Tudo passou. E hoje, que a minha profissão, por vezes, me fatiga, de leccionar durante nove meses e de aturar pais e alunos, continuo a sentir a saüdade dos meus tempos de estudante e a olhar o dia 7 de Outubro como um dos mais felizes do ano, pois êle abre as portas a um mundo de luz, de preocupações tão queridas que jámais podem esquecer.

Lisboa, 7-Outubro-1943.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Não faz sentido

—o—

Então o mercado tem uma designação *para uso externo* e outra de *uso interno?!*

O mercado que aí se construiu é uma obra importante—das mais importantes que a cidade deve ao Estado Novo. E' uma obra de vulto, que nada tem com o passado e por isso deve estar isenta—completamente isenta — de qualquer ligação com êle. Obra camarária, o nome de *Mercado Municipal*, como se vê no frontespício, basta. E' tudo.

O Estado Novo nasceu duma revolução que eclodiu para transformar o ambiente em que se vivia, dando à política outras directrizes, imprimindo-lhe outro carácter, melhor conduta nos hábitos, nos processos, na orientação. Entendemos, portanto, que não se deve, por princípio nenhum, enxertar nêsse melhoramento público, exclusivamente devido ao Estado Novo, repetimos, nada que lhe possa empanar a proveniência e muito menos a época em que teve logar a sua realisação, e isto por causa das confusões..

Numa palavra: o Mercado Municipal, para honra do Estado Novo, deve ser isso, apenas, sem mais nada.

A caça aos exploradores está dando magníficos resultados

Uma brigada especial da Polícia de Lisboa veio até nós e da sua actuação resultou serem capturados nada menos de 40 comerciantes que negociavam em azeite ao preço de 24 e 30$00 cada litro; arroz a 10 e 12$00 o quilo; toucinho a 32$00 e sabão e açúcar a preços igualmente elevadíssimos. Devemos, porém, dizer, por amor à verdade e para honra da nossa terra, que nenhum dêstes *beneméritos* é de Aveiro, como se pode deduzir pelas notícias insertas nalguns diários. Todos são de fora. E alguns dos concelhos distantes, embora do distrito. Pròpriamente da cidade, nenhum. Partiram, é certo, de cá para Lisboa a-fim-de darem entrada na esquadra de Santa Marta e prestarem contas à Justiça por intermédio do Tribunal Militar onde deverão ser julgados. E' grave o seu crime. Mas ninguém os mandou enveredar por caminhos errados. *Sempre por caminho direito e segue* —era a divisa do Grandela. E êste comerciante fêz fortuna, assim. Deu exemplos de trabalho, de honestidade, de altruismo e de benemerência, que ecoaram em todo o país. A República teve nêle também um valioso elemento assim como as casas de caridade. Não era ganancioso nem egoista. Por isso o lembramos para que o sigam. As dificuldades da guerra devem ser distribuidas por todos e não penderem só para um lado. Contra o *comércio negro*, pois, todos devemos cerrar fileiras, auxiliando a Intendência Geral dos Abastecimentos e a polícia que opera sob as suas ordens de modo a acabar com os constantes assaltos à bolsa do consumidor, que precisa de se alimentar para viver. Ou isso é só privilégio de alguns? Não, não. Se a hora do sacrifício é para todos, todos temos de os sofrer por igual.

De contrário — mau vento vai à caldeira...

Pelo Liceu

Teve ante-ontem lugar a sessão de abertura do novo ano lectivo, que se efectuou na sala da biblioteca, completamente cheia de estudantes e convidados.

Presidiu o respectivo Reitor, tendo proferido, como noticiámos, a oração de sapiência o sr. dr. Norberto Cardigos dos Reis, que versou, com brilho, o tema—*Família, Liceu e Educação*, coroado, no fim, com uma calorosa salva de palmas.

Entre a assistência destacava-se o sr. Arcebispo-Bispo da diocese.

Abolição de portagem

Agora coube a vez aos carros deixarem, também, de pagar a travessia da Ponte D. Luiz I, desaparecendo, assim, mais uma das *fronteiras* da Cidade Invicta.

Os jornais que nela se publicam louvaram a decisão do Govêrno.

«Ave de arribação»

Também *arribou* a esta cidade o novo filme português, que nada tem de aproveitável a não ser a fotografia. O resto é uma coisa sem pés nem cabeça, que enfastia e provoca o sono. Imaginem uma serenata de estudantes por cima das casas algarvias, a horas mortas, e para uma senhora estrangeira, de visita a Portugal, apreciar!

Nem ao Diabo lembra!

Os estudantes transformados em gatos e a gentil turista, vestida de branco, a assistir áquilo como à coisa mais natural do mundo!

Sempre há cada ideia!

Como realização cinematográfica, esta é das mais patuscas.

Infelicidade

Os leitores lembram-se duma notícia que publicámos no ano passado sôbre os amores do saxofonista da orquestra da Companhia Rentini, que, tendo-se apaixonado pela actriz Leónia Mendes e ela por êle, quando, em Coimbra, se preparava o ensaio de apuro da conhecida peça *Amor de Perdição* em que a Leónia desempenhava o papel de Tereza de Albuquerque, fugiram ambos, como dois pombinhos, para a serra da Louzã onde foram apanhados pela polícia, posta em campo, que os separou, por uns dias, enquanto não legalizaram o nó?

Pois o saxofonista acaba de falecer, também, em Vila Real, acompanhando, na morte, o seu colega Roberto de Oliveira, músico e actor, que assim deixou a eleita do seu coração mergulhada, decerto, naquela dôr, agora real, da torturada Tereza de Albuquerque.

O que é o Destino.

Capela das Barrocas

E' para lamentar que ainda nela se não tenham feito obras tendentes a salvá-la da ruína completa. Assim, de que vale ser considerada monumento nacional?

Chamamos mais uma vez a atenção de quem de direito para êste assunto.

Atenção para a 4.ª página

Mais uma escola no concelho

O NOVO EDIFÍCIO ESCOLAR

A freguesia de Cacia inaugurou no domingo a sua nova escola de Quintã do Loureiro, construida a expensas do sr. Manuel Rodrigues Carvalho que dêste modo evidenciou o quanto se interessa pela instrução, tornando-se, por isso, credor da nossa simpatia e da gratidão dos conterrâneos de sua esposa.

Assistiram ao acto solene um representante do sr. Governador Civil, o sr. Presidente da Câmara, o sr. Director Escolar, o sr. dr. Nunes da Silva, José Miranda, coronel Freire Quaresma, comandante da Polícia e major Afonso Lucas, que constituiram a mesa da sessão inaugural onde foi enaltecida a benemerência do sr. Manuel Rodrigues Carvalho por vários oradores, entre os quais a professora sr.ª D. Maria José Sucena, que ali ministra a instrução.

Compareceram também delegados de várias agremiações locais e outras individualidades de destaque a quem, no fim, foi oferecido um *copo de água* para remate da festa, durante a qual se fez ouvir uma banda de música e estralejaram no espaço algumas girândolas de foguetes.

O Democrata felicita o povo da linda região do Baixo Vouga pelo benefício agora recebido e que só o enaltece.

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Banhos

A pele contém um grande número de pequenos orifícios—os poros—que são as janelas por onde o organismo respira e de certo modo se alimenta.

Que acontecerá a uma pessoa fechada num quarto sem ar e sem luz? Certamente, entristece e—o que é pior—perde a saúde.

Pois se as janelas do corpo estiverem tapadas, da mesma maneira se não poderá viver saùdàvelmente.

Para que sejam devidamente abertas é necessário lavá-las—arejar bem tôda a casa.

A água alimenta enquanto limpa. A célula, ao mesmo tempo que expele substâncias nocivas, quando o pode fazer, absorve uma certa quantidade de oxigénio, contido na água, que o fortifica.

Só o banho pode convenientemente desembaraçar a pele das substâncias gordurosas segregadas pelas glândulas e das diversas partículas imundas que hora a hora nela se acumulam.

Há várias espécies de banhos, desde os medicinais de raios ultra-violetas, infra-vermelhos, sulfurosos etc., aos simples banhos de água e sabão.

Todos êles têm por fim tonificar e limpar.

E' conveniente haver um cuidado especial nos recipientes que nos servem para o banho, porque grande número de doenças provém do descuido. E' preferível o duche à tina, mas quando se não possa deixar de usar esta, que seja devidamente escaldada e desinfectada.

As pessoas de temperamento nervoso devem abster-se de águas quentes. O duche frio é-lhes aconselhado. Activa a circulação, refresca e acalma.

Ao contrário: as fracas preferirão os banhos tépidos.

Deve, também, haver uma meticulosa escolha no sabão. A maior parte contém excessiva dose de alcalinos prejudiciais à saúde da pele. O sabão de glicerina é o melhor, não falando nos outros preparados por nós e dos quais darei algumas receitas em ocasião oportuna. Sempre que seja possível o banho deve ser diário e não durar mais de 8 a 10 minutos. Se fôr de duas vezes por semana poderá demorar 10 a 12. Para que o banho seja bom deve a água cobrir 3/4 partes do corpo, se fôr de tina, e não se poupar o sabão, tendo, porém, o cuidado de o não deixar secar num lado enquanto se lave o outro; isto provoca reumatismo e outras doenças semelhantes.

Depois do banho deve limpar-se bem a pele sem mêdo de a esfregar; é grave êrro acariciá-la apenas, e em seguida fazer alguns exercícios de ginástica.

Pode juntar-se à água do banho qualquer produto que a perfume, Água de Colónia, essência de tomilho, de hortelã-pimenta, etc.

A pele frêsca e perfumada duma mulher lembra certas flôres viçosas que tantas vezes cubiçamos. Se ela faz tudo para agradar, esta é, sem dúvida, uma maravilhosa forma de o conseguir.

A medida dos povos

O valor dos povos, como dos indivíduos, mede-se pelas suas faculdades de resistência às crises que os sacodem. O sacrifício é a grande medida das almas. E por isso a alma dos povos há-de ser permeável ao desinterêsse material, quando o interêsse espiritual ou moral o exija—se quizer que o sacrifício se transmude em glória, a dôr em bênçãos, o pranto em alegria, o negrume do desespêro no amanhecer da esperança!

Vivemos uma hora alta de esfôrço doloroso; alta porque é heróica—e o heroísmo é beleza e a beleza é altura. Vivemos uma hora de luta connosco mesmos. Impõe-se que saibamos vencer-nos. E, para nos vencermos, temos que fechar os olhos do mentiroso egoísmo e abrir os olhos da verdadeira solidariedade; que cerrar os dentes aos gritos estéreis e inúteis, para melhor descerrar os lábios às palavras de compreensão e fé; que dar *tudo* sem nada pedir em troca, excepto a alegria do dever cumprido; que saber esperar, sabendo sofrer; que ser portugueses, sincera e profundamente portugueses, para honra e triunfo de Portugal hoje, àmanhã e sempre; orgulhosamente para honra e triunfo de Portugal!

O 5 de Outubro

Para comemorar a data da proclamação da República, que em Aveiro passou despercebida, *O Democrata* retirou do respectivo mealheiro 200$00 que distribuiu pelos seus pobres, da seguinte forma:

Com 10$00: Pedro de Sousa, R. de Santo António; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Dolores Calisto, idem; Georgina Correia Romão, R. de S. Roque; Alfredo Gaspar, R. de Sá; Manuel Ferreira, R. da Corredoura; Margarida de Matos, R. da Sé; António Cunha, T. do Passeio, e duas envergonhadas.

Com 5$00: Maria Rosa Duarte, R. de S. Martinho; Adelaide Vilaça, idem; Margarida Raposa, R. da Corredoura; Aurea de Lemos, R. de Sá; Luisa Peixinho, R. da Granja; Amélia Peixinho, idem; Conceição Tainha, idem; Maria da Piedade, R. Almirante Reis; Maria Arroja, R. 16 de Maio; Elisa da Costa e Silva, R. Eça de Queiroz; Adelina de Assis Almeida, idem; Carolina Pádua, R. do Vento; Luisa Chichaia, R. da Palmeira; Ernestina Chichaia, R. das Salineiras; Ilda Aurora Ramos, Rua Direita; Maria José de Lemos, R. das Olarias; António Pinho das Neves, R. de S. Roque; Maritana Costa, R. da Pêga; Maria dos Anjos, R. do Gravito e Celestina Pires, R. do Rato.

Em nome de todos, mais uma vez renovamos os nossos agradecimentos aos que se não esquecem dos desprotegidos da sorte.

A abertura das aulas

O Outono, que os artistas aproveitam para temas melancólicos como arauto de tons baços nas núvens, oiro cadente nas folhagens e surdina na orquestra da Natureza, fatigada de estridências estivais; o Outono—sazão das recolhas na lavoura e das nostalgias nas almas—tem a sua faceta esperançada, alegre, juvenil, contrastando com *mementos* de penitência e tristuras de primeiros chuviscos: é a abertura das aulas.

No símbolo destas três palavras uma janela escancara, para deixar entrar, a jorros, a claridade e os perfumes de tôda uma Primavera que desmente o calendário. Desfazendo borrascas de ignorância e amaînando tufões de incompreensão, as escolas são astros que voltam a cintilar, nesta época tanto mais e tanto melhor quanto é certo haver-se corrigido a sua directriz no perfeito sentido de transformar a *instrução* amorfa, sêca e apenas cumulativa de áridas noções materiais na *Educação* espiritualista, conciliadora da tradição e do metódico progresso pedagógico.

Abriram as aulas! Dê-se a esta notícia, aparentemente singela, todo o seu festivo significado: o de retomarem actividade as colmeias do saber e do ensino; o de começar despontando, mais uma vez, uma aurora de esperanças que, bem guiadas e dirigidas, será apoteose de realizações no Portugal eterno.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

EXCURSÃO

—o—

Escolheu a nossa terra para o seu segundo passeio, o pessoal da *Casa Henrique Antunes & C.ª*, de Lisboa, que depois de almoçar, no domingo, num restaurante do bairro piscatório e de percorrer a cidade, se estendeu até à Barra e Costa Nova, para admirar as suas belezas.

Os excursionistas, antes de regressarem à capital, apresentaram-nos cumprimentos e deixaram-nos 20$00 para os pobres protegidos por êste jornal, o que duplamente agradecemos.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Noções das realidades

A Guerra (*aquêle monstro* — na expressão de Vieira), sendo progressivamente diabólica, crescentemente comparável a potencialidades infernais, ganhou, em infinita ironia, uma característica de omnipresença que só formou, desde sempre, apanágio divino. Com efeito, a guerra de hoje, totalizante de devastação, pode ir a *tôda a parte*, sem respeitos nem destrinças, como a aza da morte, estrebuchando nos roncos dos motores e no deflagrar de engenhos que tombam em chuva e semeiam ruínas. Não é de Deus misericordioso que êste dom, apenas aparente da ubiqüidade, esta sinistra regalia de simultâneamente multiplicar horrores como êle divide benefícios — aproxima os culpados. Não. Nem que, ao mais alto, vôem! E' de Lusbel, o *anjo caído*...

Mas o que é irrefutável como pesadêlo volvido verosímil, é a temerosa área (excedendo o perímetro do glôbo pela trágica combinação da audácia e da técnica) que as sombras podem cobrir de crépes, após extinguirem-se os arcos-íris demoníacos das labaredas e coagular o sangue rubro vertido pelos homens.

A guerra vai a tôda a parte! Como um alarme — e não como um dobre de sino — esta verdade, assim expressa, justifica a presença, em cada espírito consciente, duma fôrça moral de cooperação nos exercícios da D. C. T. que vão realizar-se e que ao Exército, nas manobras do presente Outono, dará, como complemento duma atitude colectiva, a chave áurea duma precavida certeza.

Sem temores nem bravatas, só uma posição de disciplina patriótica incumbe às populações civis: acatar e cumprir determinações; cooperar; servir, enfim, como se soldados também fôssem, porque, hoje, a guerra não se resolve estàticamente nas trincheiras: totalizante de devastação, *chega a tôda a parte!*

Carta de Lisboa

O aniversário da Legião

Ocorreu há dias mais um aniversário—o 7.º—da criação da Legião Portuguesa.

Olhando o caminho percorrido, nós fàcilmente nos apercebemos dos muitos e relevantes serviços prestados pelo patriótico organismo ao país.

Da Legião, bem pode dizer-se que tem cumprido à risca o seu lema: servir. Tem sido um serviço permanente e activo ao interêsse nacional, às sagradas conveniências da Pátria que caracteriza tôda a admirável e benemérita acção da patriótica organização. A-pesar-de ter uma vida curta, tem já uma longa história de benemerência à nação e aos princípios da Revolução Nacional.

Defesa Civil

Têm decorrido com bem evidente e assinalado êxito os exercícios de defesa civil, em Lisboa. Pelas notícias que até à nossa primeira cidade chegam, lícito é concluir que o que se passa em Lisboa está-se também verificando nos demais pontos onde os exercícios se têm realizado.

Mais uma vez o país soube mostrar o seu espírito de compreensão e, de novo, aproveitar, no cumprimento das determinações do Govêrno, ocasião para afirmar a sua unidade à volta dos que têm nesta hora a difícil missão de orientar os interêsses da nação.

Duque de Palmela

Segundo os telegramas chegados de Londres, foi recebido com a maior simpatia na capital inglêsa o sr. Duque de Palmela, novo Embaixador de Portugal na Grã-Bretanha.

E assim, de novo se põe em evidência o interêsse e acêrto com que o Govêrno de Salazar soube escolher o seu novo representante junto de Sua Magestade Britânica na pessoa do ilustre titular.

CORDEIRO GOMES

Notas Mundanas

Aniversários

Fez ontem anos a sr.ª D. Amália Bandeira Rangel de Quadros, gentil professora na Costa do Valado; hoje, fazem, a sr.ª D. Lídia de Carvalho Vilaça e a galante Maria Margarida da Costa Leitão, filhas, respectivamente, dos srs. Domingos Vilaça e Alberto Leitão, residente em Lisboa; àmanhã, os srs. Júlio Ferreira Dias, chefe da Estação Telégrafo Postal de Anadia, e António Alves de Almeida, de Coimbra; no dia 11, o sr. Luís da Silva Perpetua e a sr.ª D. Rosa Rodrigues de Pinho, esposa do nosso velho amigo João Simões de Pinho, de Cacia; em 12, a menina Alvarina Rosa Areal de Sousa, filha do sr. Narsélio Fernando de Sousa, comerciante em S. Gregório (Melgaço) e a sr. D. Maria Manuela Faria de Almeida, filha do sr. Manuel Faria de Almeida, empregado superior da filial do Banco N. Ultramarino de Porto Amélia (Africa Oriental); em 13, as sr.as D. Clara de Oliveira Santos Vieira e D. Alexandrina Morgado Barbosa, esposas, respectivamente, dos srs. José Vieira e Alberto Ferreira Barbosa; em 14, a simpática tricaninha Maria de Soledade Vieira da Silva; a sr.ª D. Elvira Moreira da Costa, esposa do sr. Júlio Costa Júnior, residentes no Porto; a interessante Eneida da Silva Sabino e o académico Mário Gonçalves da Costa, filhos, respectivamente, dos srs. tenente Jaime Sabino e comandante Mário Costa, capitão do pôrto de Aveiro, e os srs. António da Costa Ferreira e Fernando de Albuquerque, chefe principal da estação do caminho de ferro de Santa Apolónia (Lisboa) e em 15, o filho Pompeu, do sr. Pompeu Alvarenga.

Partidas e Chegadas

Partiram para Colmeias (Leiria) e Sejães (Oliveira de Frades) as professoras sr.as D. Marília da Rocha Pereira e D. Justina Domingues Vital, que naquelas localidades exercem o magistério primário.

—Dos Açores regressaram os srs. major Amílcar Gamelas, alferes João Baptista Marques, 2.º sargento Fernando do Amaral e Ricardo Pereira Campos Júnior, furriel-miliciano.

—Estiveram nesta cidade os srs. capitão Cosme de Lemos, de Alquerubim; Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor do Pôrto; João de Matos e esposa, residentes em Lisboa; Manuel Dias dos Santos, de Requeixo; José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gândara (O. de Azeméis) e António Gonçalves de Sousa, de Cacia.

—Fez boa viagem de Aveiro para Lourenço Marques (Africa Oriental) onde se encontra seu marido, o 2.º sargento sr. Aurélio Duarte, a sr.ª D. Olímpia Vieira Duarte, e sua filhinha.

Aquela senhora é filha do 1.º sargento da Armada, sr. António Maria, que ficou radiante com a notícia.

Praias e termas

Com suas famílias regressaram: da Costa Nova, a esta cidade, o sr. António Marques Ribeiro e de Espinho a Santarem, o sr. dr. Elias Gonçalves, secretário do govêrno civil daquêle distrito.

Curso nocturno

Na sede do *Sport Club Beira-Mar* encontra-se aberta a matrícula para a freqüência do curso criado naquela colectividade e que deve funcionar no corrente ano lectivo na escola masculina da Glória, sob a regência dum professor diplomado.

Atenção para a 4.ª página

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Grémio do Comércio de Aveiro

AVISO IMPORTANTE

Para os devidos efeitos se informam os Senhores Agremiados que, em conformidade com o § 3.º do artigo 77.º do Decreto-Lei N.º 16.731, de 13 de Abril de 1929, e dentro do prazo de 15 dias, a contar da data do presente aviso, podem tomar conhecimento, na Secção de Finanças dêste concelho, do rendimento tributável que lhes foi atribuído e que servirá de base ao lançamento da contribuïção industrial para o próximo ano de 1944, podendo reclamar, no mesmo prazo, se julgarem exagerado o referido rendimento.

As reclamações, lavradas em papel selado, devem ser assinadas pelo interessado, ou a seu rôgo, dado perante notário, sendo que não saibam escrever, pois de contrário não necessitam ser reconhecidas.

Lembra-se o artigo 7.º do Decreto N.º 24.960, que manda acrescentar 3 por cento à respectiva colecta, quando a reclamação não seja atendida no todo ou em parte, pela Comissão de Reclamações.

Na sede dêste Grémio se facultará a norma ou modêlo das referidas reclamações, prestando-se também quaisquer esclarecimentos de que os Snrs. Agremiados necessitem.

Aveiro, 1 de Outubro de 1943.

O Presidente da Direcção,

a) *Ulysses Pereira*

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

O "direito dos bens da Igreja„

A revolução vermelha confiscou os bens eclesiásticos. O *Boboschmik* e o *Anti-Religiosnik* no seu n.º 1 de 1938, comemorando a *Lei da Separação* descreveram o processo seguido. Disseram que «já em 1920 o comissário do Povo para a Justiça publicou os seguintes resultados: Foram confiscados à Igreja 7.150 milhões de rublos, 3 milhões de hectares de terras, 84 fábricas, 436 propriedades dedicadas ao fabrico de lacticínios, 602 centros de criação de gado, 1112 casas de aluguer, 704 hoteis, 311 florestas de exploração de madeira, 227 hospitais e 700 conventos».

Esta acção «foi acompanhada da dissolução radical de tôda a organização eclesiástica». O famoso decreto da *Separação* tirou aos membros da Igreja a possibilidade de viverem: «foram suprimidas, duma assentada, as verbas destinadas ao pagamento de pensões ao alto e baixo clero». Ao mesmo tempo, «com efeito imediato, os bens da Igreja passaram para a posse do Estado, que dispõe dêles segundo as suas próprias conveniências». Por outro lado, «os papeis de valor e os títulos de empréstimos do Tesouro, com os seus cupões, foram anulados. O mesmo sucedeu aos legados a favor da Igreja, apoderando-se o Estado dêles». Não escaparam «os capitais a juros, nem os destinados a manter instituïções sociais, sob a égide da Igreja ou das pequenas comunidades administrativas mais ou menos em relação com as autoridades eclesiásticas». E' a isto que chama «Direito dos bens da Igreja! E é pelos seus autores que se ouvem tantas preces ao Altíssimo! Não seria preferível uma chuva de mós de moínho sem buraco?

A mulher soviética

Os factos que vão narrar-se passavam-se antes da guerra. A situação hoje deve ser mais angustiosa. «Para resolver qualquer necessidade da vida quotidiana era preciso ir para as «bichas» ou havia mil outras dificuldades» e a dona de casa não podia suportar tudo isso e ainda preparar as refeições a tempo. Assim, «a maioria das pessoas preferia ir a um restaurante». Mesmo. «na maioria das casas na União Soviética não usavam fogões de carvão, não existiam fogões de gás e o fogareiro de petróleo era o único utensílio para cosinhar». Mas tornava-se «extremamente difícil a aquisição do petróleo, que só se vendia muito irregularmente e na quantidade de 1 a 2 litros, e para o arranjar perdiam-se horas infinitas nas bichas». Carne, hortaliças, açúcar, pão, sal, ainda pior, por causa das senhas. Cada produto tinha a sua «bicha», às vezes a três quilómetros de distância umas das outras. O *lar* era também uma caricatura social: «Num único quarto viviam, habitualmente, 3 a 4 pessoas. O resultado disto eram zangas contínuas, intrigas, denúncias mútuas, com o fim de correrem uns com os outros e ficarem com a casa só para si». Assim, «a mulher não tinha nem tempo, nem vontade para se arranjar; o marido aborrecia-se dela e o matrimónio desfazia-se ao fim de 2 a 3 anos de convívio». Na Polónia, Países Bálticos, Finlândia e Roménio, onde os bolchevistas puseram o pé, as mulheres foram colocadas no mesmo nível das que já assim estavam há 25 anos!

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	11,15 (»)
6,54 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) [1]
13,23 (rápido) [1]	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 7,53 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,09 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar 0—Sporting 9

Os beiramarenses sofreram, domingo, em Espinho, novo desaire, com a derrota sofrida, o que nos leva a concluir que o *foot-ball* aveirense está moribundo.

Um *tristezo*, como diria o antigo treinador.

Auto Comercial de Aveiro, Limitada

Por escritura de 21 de Setembro último, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Abel João Saraiva, foi constituida uma sociedade por cotas, entre os srs. João dos Santos, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, Hernâni Henriques Salgueiro, Artur da Rocha Trindade e João Artur Trindade Salgueiro, desta cidade, nos têrmos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a denominação de *Auto Comercial de Aveiro, Limitada*, fica com a sua sede em Aveiro, tendo por objecto a indústria de garagem ou recolha de automóveis, podendo praticar todo e qualquer ramo de negócio subsidiário daquêle ou com êle relacionado, sendo a sua duração por tempo indeterminado, começando as suas operações no dia 1.º de Outubro próximo.

2.º

O capital social, já integralmente realizado, é de 140.000$ dividido pelos seguintes sócios: João dos Santos, 40.000$00. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, 20.000$00. Hernâni Henriques Salgueiro, 20.000$00, Artur da Rocha Trindade, 40.000$00. João Artur Trindade Salgueiro, 20.000$00.

3.º

Todos os sócios são gerentes, dispensados de caução e sem direito a remuneração, os quais elegerão de entre si, trienalmente, um Director-Delegado e um Gerente-Delegado, ficando desde já nomeado Director-Delegado o sócio João dos Santos e Gerente Delegado o sócio João Artur Trindade Salgueiro, que exercerão as suas funções até 31 de Dezembro de 1945.

§ 1.º

O Director-Delegado representará a sociedade, activa e passivamente, em Juizo e fora dêle.

§ 2.º

Na ausência ou impedimento do Director-Delegado, todos os documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade deverão ser assinados em conjunto pelo Gerente-Delegado e outro gerente para o efeito indicado por determinação da Assembleia Geral.

§ 3.º

A todos os sócios, na qualidade de Gerentes, é reservado o direito de livre e ampla fiscalização dos actos do Director-Delegado e do Gerente-Delegado, e o exame da escrita, documentos, contas e valores da sociedade em qualquer data do ano.

§ 4.º

A Assembleia Geral Ordinária fixará anualmente as remunerações mensais a atribuir ao Director Delegado e Gerente-Delegado.

4.º

Os anos sociais terminam, como é de Lei, em 31 de Dezembro, devendo a Assembleia Geral Ordinária reunir-se até ao dia 28 de Fevereiro seguinte.

5.º

As Assembleias Gerais que não hajam de tratar dos assuntos expecialmente designados no § 1.º do art. 41 da Lei de 11 de Abril de 1901, serão convocados por simples carta registada com a antecedência mínima de 5 dias, indicando se sempre o fim da reünião.

§ único

Qualquer sócio pode fazer-se representar por outro sócio nas Assembleias Gerais, mediante carta dirigida ao Director-Delegado, excepto nos casos especiais em que a Lei exija procuração bastante.

6.º

As cessões de cotas só são permitidas entre os sócios ou entre êstes e os seus descendentes.

7.º

A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio, podendo continuar com os representantes legais do falecido ou interdito, devendo, nêste caso, a respectiva representação ser exercida por um só dos interessados em que os restantes tenham delegado essas funções.

§ 1.º

Se qualquer dos herdeiros já fizera, por si, parte da sociedade, pode o quinhão que lhe pertencer na cota herdada ser adicionado à que já possuia.

§ 2.º

Preferindo os herdeiros do sócio falecido ou os representantes legais do interdito que seja feita a liquidação da respectiva cota, assim o comunicarão a sociedade, fazendo esta o seu pagamento pelo valor do balanço a que se procederá para êsse efeito.

§ 3.º

O preço da amortização será pago dentro de 90 dias a contar da data em que à sociedade seja feito pelos interessados o respectivo pedido.

8.º

A sociedade poderá amortizar a cota de qualquer sócio cuja insolvência tenha sido decretada, depositando, nêste caso, o respectivo valor achado nos termos do § 2.º do art. 7.º, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, à ordem do respectivo Juizo, procedendo de igual modo no caso de penhora.

9.º

Os lucros liquidos apurados no fim de cada ano social terão a seguinte aplicação; 5 % para fundo de reserva legal, e o remanescente para distribuição de dividendos e outros destinos que a Assembleia Geral determinar.

10.º

Nos casos omissos regula a Lei de 12 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Aveiro, 4 de Outubro de 1943.

O ajudante da Secretaria Notarial,

Raúl Ferreira de Andrade

Correspondências

Esgueira, 6

Foi nomeado aspirante de Finanças e colocado no concelho de Vouzela, para onde já seguiu, o nosso amigo Manuel da Cunha Feio, a quem felicitamos.

Os seus amigos *folhetas* e outros, apreciando a sua boa camaradagem, ofereceram-lhe, na véspera da partida, um fino *copo de água*, durante o qual se trocaram calorosos brindes.

—De Albergaria-a-Velha veio transferido para a Secção de Finanças dessa cidade o nosso conterrâneo José da Silva Neto, que já tomou posse.

—Já retirou para os Olivais (Lisboa) o sr. José Marques da Loura, que aqui esteve de visita.

—Para Beja seguiu, igualmente, com sua esposa, o sr. Luís H. Pinheiro, professor naquela cidade.

C.

Preza, 7

Realiza-se, domingo, a festa a S. Geraldo que costuma atrair bastante gente da cidade e dos lugares circunvisinhos.

É juiz o sr. Francisco João Rodrigues, haverá procissão, seguida de missa cantada o sermão, estando contratada a filarmónica de Fermentelos para aqui vir tocar.

Oxalá que o tempo se apresente de boa catadura.

C.

Costa do Valado, 7

Retirou para Lisboa com a família o sr. António Marinheiro e da Costa Nova vieram os srs. Ernesto Ferreira Maia e Abílio Figueira Maio, igualmente com as familias.

—A-pesar-de ter experimentado algumas melhoras, continua de cama o sr. Domingos Carvalho, professor aposentado.

—Regressou dos Açores à sua casa da Oliveirinha, onde tem ido muita gente cumprimentá-lo, o alferes-miliciano dr. António Tomaz Vieira.

Um abraço de boas-vindas.

—Passando àmanhã o aniversário natalício da distinta professora da escola masculina desta localidade, sr.ª D. Amália Rangel de Quadros, endereçamos-lhe sinceros parabens, fazendo votos por que muitos mais possa contar em companhia de sua veneranda mãi.

—A gozar a sua licença tem estado entre nós o sr. Júlio Dias, funcionário dos C. T. T. em Anadia.

C.

NECROLOGIA

Com 21 anos, apenas, finou-se na quarta-feira, Rui Manuel Ferreira do Vale, empregado na *Fotografia Central* e filho do sr. Sebastião Ferreira do Vale.

Foi sepultado no cemitério novo aonde o acompanharam numerosas pessoas.

Aos doridos, as nossas condolências.